

Museu não é sinônimo de imagem morta, reverenciada figura para visitas solenes. Idéias e pés na terra na (re) construção das histórias da cidade

PLANALTINA, UM PALCO ABERTO

Inaugurado em 22 de abril de 1974, o Museu Histórico e Artístico de Planaltina, MHAP, teve sempre suas atividades interrompidas, não conseguindo apresentar nunca um trabalho contínuo, que o transformasse em parte representativa da comunidade local. Mesmo depois de tombado, em 19 de agosto de 1982, esta situação não se modificou, refletindo o que acontece com a maioria dos tombamentos nacionais: abandono por parte das autoridades responsáveis, como se a condição de "patrimônio tombado" representasse uma estabilidade eterna, dispensando quaisquer outros cuidados e atenções.

Esta situação perdurou até 28 de agosto deste ano, quando, após uma reunião, um grupo de pessoas resolveu reativar o Museu, que até então permanecera expondo apenas o seu acervo e abrindo diariamente a loja de artesanato, que é independente e de iniciativa da Sociedade de Artesãos de Planaltina.

Depois desta primeira reunião, um sangue novo começou a percorrer as centenárias veias do Museu, que passou a se comunicar com o mundo à sua volta, numa troca de energia permanente e dinâmica. O MHAP agora está longe de ser uma entidade estática, um depósito apenas de peças antigas, sem nenhum atrativo que o integre à comunidade. A iniciativa de retomar todas as suas possibilidades enquanto espaço de cultura, foi do artista plástico e designer chileno Alex Chacon, Assessor da Administração Regional daquela cidade-satélite, envolvido com as manifestações artísticas candangas à mais de 20 anos.

— Queremos que o MHAP tenha uma função agregadora muito grande, diz ele. Nada de centralizar atividades e apresentar o Museu como uma fonte de soluções. É preciso repensar esta entidade que para muitos ainda está totalmente ligada ao passado. Memória se constrói diariamente e, é assim que queremos guardar Planaltina.

Ao lado de Alex, a historiadora Ana Cristina Campos, carioca há cinco meses em Brasília, lotada na Administração Regional de Planaltina através da Fundação Educacional fala com entusiasmo de todo o programa já em andamento no Museu: "queremos abranger toda a comunidade e revelar tudo que a cidade contém. As atividades de rua, de bares, festas e personagens típicos".

A idéia da equipe, que tem à frente Alex e Ana, é transformar o Museu numa "fábrica de cultura, da história". A princípio o desenvolvimento do projeto maior do grupo — a documentação histórica da cidade, necessita do essencial, que é a verba. Na falta de financiamento, fica impossível providenciar fitas, fotos, tapes e outras formas de registrar Planaltina, bem como a contratação de mão-de-obra técnica. Mas esta deficiência não atrapalha o trabalho das quase 40 pessoas que se-



Júlio Fernandes



Júlio Fernandes

«Memória é um trabalho de construção diária, é assim que queremos guardar Planaltina», sintetizam Alex Chacon e Ana Cristina

manalmente se reúnem para discutir novas idéias. Aliás, todas, sem esperar providências ou planejamentos oficiais, resolveram assumir esta nova etapa do MHAP e afirmam que a falta de dinheiro não impede que continuem suas atividades.

Com a força de vontade da equipe, o Museu conta hoje com um bar, inaugurado no dia 30 de setembro, coordenado por Lucimar Malaquias e aberto de quarta a sexta, a partir das 16 horas, e aos sábados e domingos, depois das 9 horas. Funcionando no pátio da entidade, o barzinho oferece atrações musicais, como forró, repentes, catiras e outras manifestações populares todos os fins de semana. Além de bebidas e refrigerantes em geral, os frequentadores do local encontram salgadinhos feitos por pessoas da comunidade. Em pouco tempo, também as doces de Planaltina estarão vendendo seus produtos por lá.

Este é o espírito do trabalho: utilizar os recursos existentes para fazer o que se pretende. Seguindo o mesmo princípio, foi montada a Oficina de Viver numa sala ao lado da Biblioteca "Prof". Gabriela

Guimarães". Coordenada por Ilda, Nina e Lucinha, três habitantes de Planaltina, a "escolinha", como é conhecida a atividade, agrupa várias crianças de 6 a 13 anos de idade, que além da leitura desenvolvem trabalhos de criatividade em artes plásticas. No pátio, ao lado do bar, a Oficina de Brinquedos dá continuidade ao programa da equipe, reunindo homens e mulheres do PAS (Programa de Assistência Social) e outros interessados.

Como as demais atividades do MHAP, a Oficina de Brinquedos visa criar uma mão-de-obra que mais tarde se desenvolva independente do Museu. Bem aparelhada de instrumentos e saberes, como lembra Alex, ela pretende desenvolver a criatividade através de elementos lúdicos. Assim, além da instrumentação profissional, irá capacitar os seus frequentadores a implantarem suas próprias oficinas e buscar canais de comercialização independentes da entidade. Um enorme painel de ferramentas, uma mesa e outros aparelhos compõem a sala de trabalho, ocupada atualmente por oito pessoas.

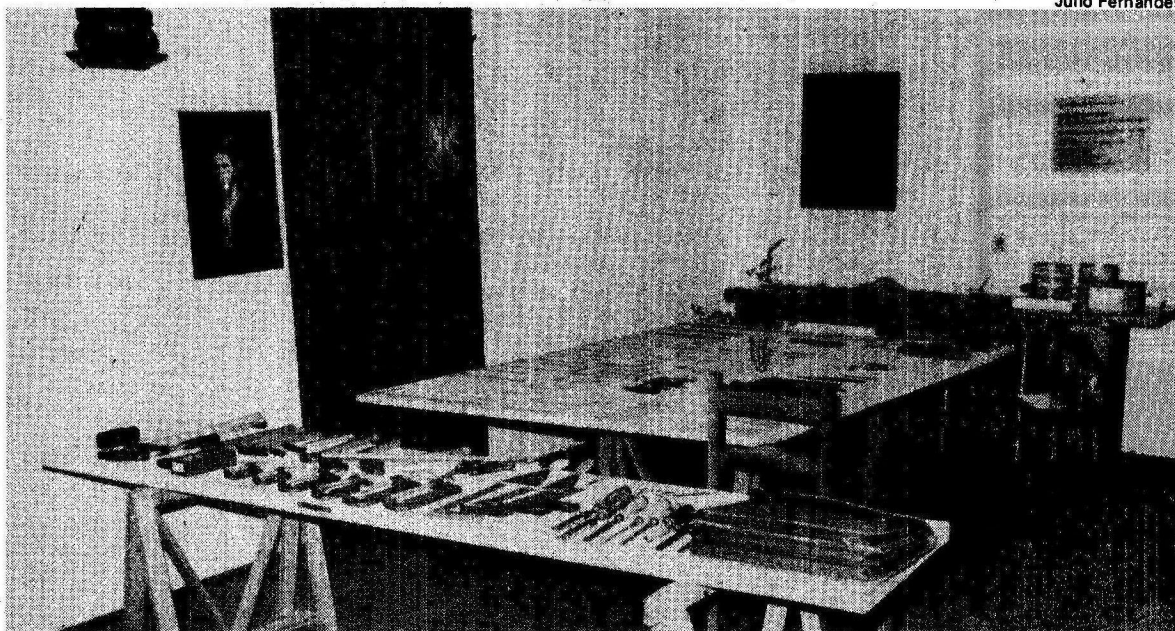
Uma outra atividade a ser implantada é a serigrafia, que além de garantir novos

ofícios aos interessados, como deverá acontecer com a oficina de brinquedos, sustentará as exigências culturais do próprio Museu, no que diz respeito às impressões de cartazes e outros elementos de divulgação e apresentação do programa do MHAP.

Mesmo atuando quase sem nenhuma verba, a equipe encontra voluntários que através de seu trabalho ajudam na implantação da nova mentalidade de Museu. Chico Cruz é um deles. Vindo de Taguatinga, todos os sábados, ele se dispõe a coordenar um curso de teatro de bonecos a todos os interessados pela atividade em Planaltina.

Além destas atividades e do acervo de peças antigas e objetos do artesanato local, o MHAP abriga o cineclube, coordenado por Moisés e Ana Maria. A idéia é apresentar sessões itinerantes por toda a cidade, percorrendo ruas, praças e vilas. Ele já existe há um mês, mostrando filmes culturais cedidos por embaixadas e variados órgãos. Outro elemento que leva o Museu a diferentes lugares é o boletim, ainda sem periodicidade certa, feito pela equipe.

Júlio Fernandes



A idéia é fazer do Museu Histórico e Artístico de Planaltina uma "fábrica de cultura e história". A falta de verba não diminui o ânimo

Alex lembra ainda que embora cada atividade tenha um ou mais responsáveis, a equipe vem trabalhando unida e as funções vão se definindo à medida que o tempo passa e que o programa ganha corpo. Além dos coordenadores do bar, cineclube, oficinas e bibliotecas, outras pessoas como o autor/ator de teatro Donizeti Pitalurg têm colaborado com os trabalhos do Museu, bem como demais elementos ligados a grupos musicais e teatrais da cidade.

Integrar as duas partes

Planaltina, com seus 124 anos de existência, conta hoje com cerca de 50 mil habitantes que se distribuem pelas partes nova e velha da área urbana. A primeira é composta pelas vilas Buritis e Vicentina que, em contraste com as centenárias ruas, casas e demais edificações do outro lado da cidade, comporta a maior parcela da população local. Entre estas duas partes, existe muita discórdia. Enquanto um lado quer preservar a memória planaltinense através de atos e fatos tradicionais, o outro tem o mesmo objetivo, visando porém adequar a cidade à realidade.

— É preciso integrar estas duas partes, para que todos participem do crescimento de Planaltina, lembra Lúcia Maria Roncy, uma das encarregadas da Oficina de Viver, em substituição a Lúcia Oliveira Viana.

Alex complementa lembrando que o MHAP pode, assim, servir como um meio de integração e até de encontrar a identidade de Planaltina. "Esta cidade não é mais a mesma de 20 anos atrás e também não é igual a qualquer outro centro. Ela tem vida própria com todas as peculiaridades de um lugar histórico situado ao lado de uma cidade do século 20, década de 60, como é Brasília. Por isso, está na hora de encarar o Museu como um ponto de informação, de elaboração de novas idéias, pois em termos clássicos ele não corresponde às necessidades urbanas da atualidade".

Dentro desta idéia, Alex reforça o princípio de não se transformar o Museu num "Centro" cultural. "Ele deve ser aberto, espalhado, indo a todos os lugares e tendo a participação de toda a comunidade. Só assim será possível construir a memória local, numa convivência dinâmica entre todas as partes de Planaltina".